

O eu e o outro em Jean Paul Sartre: pressupostos de uma antropologia filosófica na construção do ser social

Márcia Jacoby
Sergio Antonio Carlos

O caráter do olhar, como fato que transporta a dimensão do estabelecimento da relação Eu-Outro, é um dos pilares filosóficos de Sartre. Desde este ponto, reconstitui-se a tarefa de Sartre e estudiosos de sua obra, na perspectiva de mostrar os fatores imprescindíveis no processo da existência humana. Seus ensaios antropofilosóficos ressignificam os dramas existencialistas, agregando os trabalhos de exame dos problemas de sua época. Esses problemas foram suscitados principalmente pela interrogação crucial da relação entre o Eu e o Outro. Trata-se, então, de abordar a existência de um Ser constituído, identificado na convivência com os outros, num mundo construído de objetos e ações, marcado na realidade sócio-histórica pela consciência. É o ser consciente que faz o Homem ultrapassar seus limites, na constituição de sua temporalidade e de sua identidade como Ser social.

Palavras-chave: Existência, intencionalidade, liberdade

Introdução

A relação o Eu e o Outro na construção da identidade do Ser social, baseada nos estudos de Jean-Paul Sartre, é o tema norteador deste artigo. O texto parte da revisão que Sartre faz das questões da ética, da liberdade, da transcendência, da essência e da existência, para poder entender a condição humana. E, para ele, a condição humana é posta no fato do olhar que transporta a dimensão do estabelecimento da relação Eu-Outro.

Este texto está estruturado em cinco eixos temáticos de análise, com os principais conceitos filosóficos imbricados na questão central. O primeiro eixo refere-se à relação originária do Eu e o Outro, como organizadora do existente. Na reflexão desta relação, aborda-se a ponderação do *cogito* cartesiano na conformação da consciência e da transcendência.

Em seguida, a concepção de corpo é trabalhada, como desdobramento do olhar, que oportuniza o exercício das possibilidades humanas na constituição da identidade do Homem. A corporeidade é mencionada a partir da descrição sartreana dos modos ontológicos: ser-para-si, ser-para-outro, ser-aí-para-outro.

Com isto, encontra-se, no terceiro eixo temático, a discussão da intencionalidade no conhecer e reconhecer da condição sujeito-objeto. No entendimento desta condição, retoma-se a questão da consciência e da transcendência, como ato intencional e como processo de ruptura da contingência e da facticidade do Ser. Essa ruptura adquire a configuração de projeto, pautado na supremacia da existência sobre a essência e na busca da autenticidade pelo ato de liberdade. Neste penúltimo eixo temático, vê-se o projeto forjando, através da práxis humana consciente e temporal, as estruturas fundantes do Ser: ser-em-si e ser-para-si.

O artigo é finalizado com a análise da questão da escolha como ato de liberdade e como compromisso do Eu na convivência com o Outro. A escolha indica o sentido da existência histórica do Ser e é o ato intencional realizador do projeto. O questionamento de Sartre sobre os fatores relacionais do Eu-Outro é trabalhado à luz do real, da história e do engajamento político do Homem.

Olhar: a relação originária do eu e o outro

Antes de abordar o estudo sobre o Eu e o Outro, é pertinente trazer o momento histórico que permitiu, a Sartre, um marco de reflexão de si mesmo e da vida. Em setembro de 1939, Sartre foi incorporado, como soldado, às frentes de combate contra a ameaça hitleriana, e fundou a autocrítica, em busca de soluções ético-existenciais. Revisou sua trajetória de vida, principalmente no que diz respeito ao problema do seu apolitismo e à conformação da moral e da ética.

Em 1940, iniciou os escritos desse processo de suas revisões filosóficas, plasmando suas angústias e inquietações – vividas, então, na condição de prisioneiro de guerra – na produção intitulada de *Diários de guerra*. Além de esta obra ser um canal de elaboração da adversidade experienciada, é também o princípio do descobrimento da filosofia, como expressão da própria vida humana.

O entendimento da condição humana passou a ser trabalhado pelo autor, num viés convergente à compreensão de Homem investigado à luz do real, da história e do engajamento político. Longe de ser casual, o questionamento, sobre a relação Eu-Outro, foi empreendido, também, pelas diversas áreas do conhecimento instigadas pela expectativa de encontrar pontos de elucidação quanto ao destino da humanidade. Isto se tornou fundamental, uma vez que se provou a ameaça eminente à sobrevivência humana, no período histórico da 2ª Guerra Mundial. Essa ameaça, a partir das vivências de guerra, marcou Sartre, desencadeando um processo de transformação de seus posicionamentos filosóficos existencialistas.

As revisões filosóficas sartreanas da concepção do Homem real, histórico e engajado politicamente estarão manifestadas no decorrer deste texto. Como já se mencionou, a experiência de soldado/prisioneiro de guerra fez com que este filósofo examinasse a construção da relação com o Outro.

A pergunta crucial e, até então, não explorada por outros filósofos, sobre quais parâmetros regem as relações humanas, adquiriu relevância, porque para Sartre (1943), é no encontro entre os seres que ocorre a identidade e o sentido do Ser. É o que o autor denomina de relação original estabelecida pelo ato do olhar.

O olhar é o eixo central sobre a essência da pessoa e sobre o universo. O Eu é a referência das “coisas” porque o meu olhar organiza todo o existente, desde a distância estabelecida pelo olhar. O existente no mundo adquire relação entre si, porque o ordenamento faz-se desde a visão de um sujeito.

Esta constatação na filosofia sartreana quanto à posição do Eu como “(...) criador das distâncias e das relações entre as coisas” (Biemel, 1985, p. 52) e “(...) centro gravitacional que organiza tudo a partir de si mesmo” (ibid., p. 50) redimensiona-se em outra: a organização do existente é distinta do estabelecimento

da distância com o Outro. Assim, a perda da centralidade é a constatação da existência do Outro, na posição central do meu universo, e elemento de desintegração e de fuga permanente das coisas. A ponderação da centralidade remete à questão do cogito, onde o “penso, logo existo” conduz a que o

... penso cartesiano, ou seja, ainda, do momento em que o homem se apreende em sua solidão – o que me tornaria incapaz de retornar, em seguida, à solidariedade com os homens que existem fora de mim e que eu não posso alcançar no cogito. (Sartre, 1987, p. 3)

Sartre, na construção dos pressupostos existencialistas, não despreza o fato de que o *cogito* pressupõe partir da subjetividade. Seus estudos, no entanto, representam tanto a supremacia da existência em relação à essência, quanto a revisão do protagonismo do homem. Este conceito de Homem, não mais no exclusivo ato da sua definição solitária, mas na ação de recolocá-la nas condições dadas socialmente entre os homens.

Considerando este entendimento, é a apreensão da consciência de si mesmo que descobre o outro, como aquele que retorna a verdade da minha imagem e afirma minha existência. Isso pressiona meu olhar a também servir para voltar-se sobre o Eu, agora objeto-sujeito, indagando a própria identidade. Esta reflexão sustenta a afirmação do autor de que somos situados no mundo pelo Outro, identificado como a transcendência transcendida.

No humanismo existencialista sartreano, a transcendência é a superação do Homem dada por este movimento de projetar-se no Outro e de retorno a si mesmo. É superação enquanto que constante construção do Eu, um constante *vir a ser*. Com isto, o conceito de transcendência transcendida corresponde à própria existência do Outro que confere à minha transcendência um atributo de *estar fora de*, externa ao Eu. O outro transcende a minha transcendência (ibid., 1943).

Com estas apreciações, pode-se afirmar que a experiência de guerra permitiu a Sartre o delineamento do processo de consciência e de identidade. No entanto, é importante remarcar que este delineamento está estabelecido no encontro dos indivíduos marcado pela vivência corporal do olhar.

A corporeidade na constituição da identidade

A constituição da identidade pelo olhar do Outro, no aspecto da corporeidade, vai de encontro ao cartesianismo. Este, segundo Miguel (2002, p.199) “(...) considera que o Eu se nos dá como um objeto de pensamento com total autonomia com respeito ao corpo”. Sartre, porém, assinala a identidade num processo de experiência de nossa corporeidade, inter-relacionado com a corporeidade do

Outro, veiculado pela questão marcante do olhar. Assim, o pensador rompe com o dualismo mente-corpo, Eu-Outro, Homem-Mundo, temporalidade-espacialidade.

No eixo temático anterior, aparece o contraponto deste autor, com um dos aspectos do *cogito* cartesiano, quando situa a constituição da existência humana no processo relacional sócio-histórico. Na questão da corporeidade, o contraponto com o cartesianismo aparece na definição de que o corpo é a conexão entre o si mesmo e o mundo. Neste sentido, a percepção do próprio corpo é um *pôr-se* em um lugar, em um tempo, com os limites e possibilidades demarcados pelo existente (Sartre, 1943).

Nas palavras de Sartre, encontra-se a dificuldade de apreensão do próprio corpo: “(...) eu estava, precisamente, fora, no meio do mundo; captava um objeto inteiramente constituído, como um isto entre outros istos, e somente por um raciocínio o reduzia a ser o meu: era muito mais minha propriedade que meu Ser” (1943, p. 386-7). Este autor prefere dispor do entendimento de que corpo é “(...) aquilo pelo qual as coisas se me descobrem” (ibid., p. 387) ou, nos modos ontológicos: “(...) em tanto que ser-para-si e em tanto que ser-para-outro (...)” (p. 388) e ainda, “existo para mim como conhecido por outro a título de corpo” (p. 442).

No primeiro modo ontológico, ser-para-si, o corpo assume o modo da facticidade, possibilitador da consciência. A facticidade que acomete o Eu demarca a situação “(...) que permite dizer que ele é, existe (...)” (Sartre, 1943, p. 134), mas também, “(...) corresponde a uma tentativa do Ser para eliminar a contingência do meu Ser” (p. 135). A facticidade do para-si corresponde a “(...) uma indicação que dou a mim mesmo do Ser que devo alcançar para ser o que sou” (p. 134). Desta forma o Ser está acometido de uma contingência e o para-si marca ao em-si (aquilo que é) este atributo de ruptura da contingência, através das suas possibilidades de alcançar o Ser.

A definição de corpo é a forma contingente que toma a necessidade de minha contingência. A apreensão do meu corpo ocorre no processo de relação fora de si, organizado pela consciência e, esta, faz entender o ato de lançar-se a possibilidades e de conhecer e ultrapassar limites. Neste sentido, vê-se a cumplicidade entre a constituição do corpo e a constituição da consciência, onde ambas são as relações intencionais com o mundo.

É pela ação humana da linguagem, do pensamento, dos sentidos e das sensações que se distingue a presença do corpo. Esta presença corporal tem uma disposição relacional com as coisas, tem um lugar. É neste sentido que Sartre (1943) fala do surgimento do ser-em-meio-do-mundo que, por sua vez, traz consigo o desvelar da ação e da sensação, através da transcendência.

O segundo modo ontológico, a existência do corpo no plano do para-outro, exige o estudo do seu aparecimento para o Outro e também do corpo do Outro

revelado por mim. Isto ocorre porque “(...) as estruturas do meu ser-para-outro são idênticas às do ser do outro para mim” (Sartre, 1943, p. 428). Quando se menciona, a questão do corpo na relação Eu-Outro, não significa reduzir o entendimento do Ser a uma relação corporal de exterioridade. A perspectiva ontológica implica que “(...) o próximo existe para mim primeiramente e o capto em seu corpo depois (...)” (ibid.). Esta relação primeira pauta-se na negação interna, de transformação do sujeito em objeto, que vai demarcando a existência e a identidade.

No estudo do corpo do outro para mim, adota-se que o corpo alheio representa o centro de referência organizador do existente, que permite um ponto de vista sobre meu próprio corpo. É o que está descrito, no eixo temático anterior, como a perda da centralidade. O Homem descobre as próprias possibilidades, desde o momento em que percebe sua situação de objeto para um outro-sujeito. Ao mesmo tempo, coloca-se como sujeito, deslocando este centro de referência sobre seu corpo, quando efetua a apreensão do corpo alheio. Este interjogo simultâneo de apreensão congrega, na concepção corporal, o conjunto de coisas, situações e significações do mundo externo, a totalidade espaço-temporal naquilo que é o Ser.

52

O terceiro modo ontológico da corporeidade denominado por Sartre de “(...) meu ser-aí-para-outro” (1943, p. 442) condiz com o caráter de revelação, que é dada ao Eu do seu próprio corpo pelo conhecimento que o Outro possui e o devolve. Na devolução deste saber, encontra-se o processo da consciência. Esta realiza a apreensão do corpo e a transcendência de “(...) meu *ser-no-mundo*” (p. 451). Por sua vez, a distância dada pelo fato do olhar coloca o Homem no lugar de outro pela revelação do corpo como “*ser-para-outro*” (p. 388). É o que Sartre designa de assunção do ponto de vista alheio, uma vez que o processo de consciência do Ser impõe o poder apartar-se, tal como quem olha um objeto para conhecê-lo. Com isto, pode-se dizer que, os três modos ontológicos da corporeidade instalam o estudo da identidade no movimento relacional Eu-Outro e no trajeto entre sujeito-objeto.

A condição sujeito-objeto e a intencionalidade do conhecer e reconhecer

A manifestação da identidade do Ser ocorre através do elemento decisivo do ser visto e do voltar-se a si mesmo, ou, em outras palavras, minha identidade é dada pelo Outro, desde uma experiência corporal. Concomitantemente, estes são os parâmetros para fundar as significações do entorno, armadas desde a sua formação, pela condição posicional do Homem no mundo. Esta con-

dição, de que trata este eixo temático, repõe à consciência sua característica intencional de Ser.

Pfeiffer (2002, p. 255) afirma a necessidade de incorporar a intencionalidade como instrumento conceitual e “(...) como chave para poder pensar a relação sujeito-objeto desde uma perspectiva distante de um ingênuo realismo ou um idealismo absoluto em que somente ‘permanece’ o sujeito”. Esta autora salienta que a intencionalidade é “(...) a coisa mesma, a consciência” (p. 258) e que não é possível conceber a intencionalidade “(...) reduzida ela mesma ao ato ‘consciente’ (...)” (p. 256).

Considerando a consciência como “abertura a...” (ibid., p. 259) pode-se afirmar que, a consciência intencionante é o ato constitutivo que compreende consciência e mundo. Assim, a essência implica, necessariamente, ao Outro para a composição do conhecimento de si mesmo e do mundo. Quando Pfeiffer traz que a intencionalidade ocorre na consciência de Ser e que oportuniza entender a relação sujeito-objeto, está apontando à experiência da constituição compartilhada do mundo. Sartre (1987, p. 30) ressalva que “(...) constantemente, o homem é um objeto para o homem, mas reciprocamente é necessário, para apreender o objeto enquanto tal, que haja um sujeito que se apreenda como sujeito”.

Nas afirmações destes autores, o Outro é fator integrante e limitador da minha facticidade, já que seu olhar demarca a possibilidade da distância e, com isto, dá a nova dimensão da sua e da minha existência. Ao assumir-se esta distância efetuada pelo Outro, experimenta-se a transcendência própria e a do próximo e verifica-se a constituição compartilhada do mundo.

Experimentar ser-para-outro ou ser-objeto equivale dizer que o Outro me faz perder a transcendência e me condena à facticidade, já que o Eu-objeto é a estrutura permanente do ser-para-outro. É quando o Outro me converte em objeto e também se apropria do entorno, faz com que meu olhar volte-se para mim mesmo, para minha facticidade.

Quando Sartre afirma que a consciência é facticidade e transcendência está indicando a ruptura com a contingência da existência humana. E está indicando que a consciência manifesta a facticidade do encontro com o Eu, confirmando as possibilidades do Ser. Além disto está se referindo a que o processo relacional Sujeito-Objeto não significa cristalizar-se na condenação do Eu-objeto, mas é a expectativa do sujeito de transitar por estas instâncias, no exercício de sua transcendentalidade na constituição da humanidade.

O ato de repor à consciência sua característica intencional permite ter outra leitura das possibilidades humanas, considerando que se conhecer e se reconhecer na condição de sujeito e de objeto oportuniza o protagonismo do Homem no movimento de refutar sua contingência. Além disto, esta atitude não significa a rejeição da facticidade, mas o seu reconhecimento como ponto de partida, porque

de outra forma não há Ser. Assim, pode-se afirmar que a facticidade não impede a liberdade da ação, mas sim, constitui o requisito para a realização da liberdade.

O projeto: a expressão da transcendência e o exercício da liberdade na autenticidade

As considerações sobre as possibilidades de a humanidade ser o que é ou não ser o que é, estão fundadas na expressão, denominadas por Gómez-Müller (2001), de contingência radical. Segundo este autor, o contingente, como termo filosófico indica a discussão entre as concepções de existência e de essência, que marcaram o percurso da Filosofia, na inquietação de responder o que é o Homem. Esta discussão assumiu outra configuração em Sartre, quando estabeleceu que a existência precede a essência e, com isto, retirou o Ser da condição de estar pautado exclusivamente nos pressupostos de destino ou de necessidade. E agregou a perspectiva de protagonismo humano no fazer-se enquanto Ser.

Sartre (1943), no entanto, considera factível que o homem possa ser autêntico e inautêntico, conceitos aplicados ao que verdadeiramente o Homem é ou ao modo de não ser em si mesmo. A autenticidade é compreendida pela base insubornável do Homem, que não pode deixar de ser o que é, mas que por outro lado, é de se ter presente que há a possibilidade do Homem ser inautêntico. O autor aplicou as proposições de Heidegger no estudo da autenticidade e da inautenticidade, e formulou, respectivamente, os conceitos de que o Homem pode escolher-se a si mesmo, apropriar-se de sua existência histórica, fazendo-se autêntico ou pode afastar-se de si mesmo, não chegando a ser o que é.

Tais conceitos, na idéia marxista, por exemplo, compõem uma das fases do processo dialético que trata da questão da alienação, equivalente à inautenticidade nos pressupostos filosóficos existencialistas (Ferrater Mora, 1994). A inautenticidade é o ocultar-se, o auto-engano, o não se reconhecer, a impossibilidade do distanciamento e da utilização da liberdade para não ser alienação.

A reflexão em torno da contingência, da facticidade, autenticidade e inautenticidade remete à análise do processo de nadificação que assume, na filosofia sartreana, contornos inquietantes na condição do Ser e de suas estruturas fundantes: ser-em-si e ser-para-si. O ser-em-si é descrito como o fenômeno, ou seja, ele é aquilo que é e o ser-para-si corresponde à consciência, ou seja, sendo aquilo que não é e não sendo aquilo que ele é (Sartre, 1943). O nada representa o não existente, a origem da negação que o Ser necessita transcender, para não perpetuar sua condição factível e contingente. O Ser “(...) de início, não é nada:

só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo” (ibid., 1987, p. 6), porque é o produto de seus fazeres.

A consciência advém de um desgarramento do ser-em-si porque nele não existe a nadificação. Somente o para-si tem relação com o não ser, porque indica a potencialidade de não ser ainda e é capaz de relacionar-se com o não existente por meio da ação. Transformar o não existente fundamenta o compromisso histórico e explicita as circunstâncias do ser sujeito, não à maneira do destino ou determinado pelo exterior que o definiria na forma de ser objeto, mas sim como para-si, que pode “ (...) considerar seu próprio ser como projeto, isto é, como ser histórico e como ser que faz história” (Lafuente, s./d., p. 332). Com esta proposição sartreana, é assinalada a inter-relação entre a liberdade do ser e a liberdade do fazer, que solidifica a experiência do para-si como projeto temporalizado e temporalizante e vertido na assunção da responsabilidade com o Outro.

O Homem origina-se da nadificação do Ser, que é a relação entre a liberdade e a facticidade. A vida humana é construída através dos atos de liberdade, atos vistos num porvir ou, ainda, conforme Gómez-Müller (2001, p. 19) “a vida orientada à realização da obra (...)” porque “a vida começa no momento em que o indivíduo humano se constitui como liberdade, isto é, desde o momento em que adquire a capacidade de afirmar começos desde si mesmo (...)”.

Para este autor, Ser contingente corresponde ao Ser da práxis, onde a vida de um indivíduo é vista desde os fatos oriundos da operacionalização de um projeto. É na análise da práxis humana que encontramos a idéia do significado do projeto, como delimitador daquilo que o Ser pode ser através do exercício de sua liberdade, expressa no ato da escolha que o homem faz. Ou ainda, “(...) somente as relações dialéticas entre positividade e negatividade, entre o que não existe e suas possibilidades de existir, consideradas a partir do que existe, permitem entender a condição de superação e, portanto, o caráter de projeto (...)” (Lafuente, s./d., p. 340).

O projeto é o momento decisivo da ação, forjando, através do fazer, a ruptura com a possibilidade do Homem não ser o que é. O conceito de práxis declara este entendimento e ilustra o contraponto com a concepção de má fé, que coloca a condição humana no campo estreito da necessidade e destino (Gómez-Müller, 2001). Em Sartre (1943) a má fé significa o ocultamento das possibilidades do Ser e dissimula a liberdade da escolha.

A ação humana provoca a atualização do Dasein e a temporalização do projeto. Segundo Biemel (1985, p. 74), o Dasein em Heidegger é “(...) um ser que assume intencionalmente sua existência, um ser de possibilidades, e o homem se apropria delas, é dizer, realiza sua existência, somente na medida em que as concretiza, porque também pode desaproveitá-las”.

Lafuente afirma que a filosofia sartreana põe, em relevo, a apropriação da noção de projeto de Heidegger, “(...) como termo ontológico com o que o homem se encontra no mundo e que forma parte da estrutura do ser-aí (Dasein), permitindo a análise de sua realidade e suas possibilidades” (s./d., p. 329). Esta noção de projeto inscreve a condição humana nos patamares de que “(...) somente o ser humano é capaz de realizar ações e, somente ele, é capaz de projeto, de desejo de ser, pois somente o ser humano é livre (...)” (ibid., p. 330). Além deste aspecto, Sartre (1987, p. 16) descreve que “existe uma universalidade em todo projeto no sentido em que qualquer projeto é inteligível para qualquer homem”.

A consciência do ser e do fazer aparece, assim, ampliada ao *ser e fazer com*, ou seja, integrando o exame da relação Eu-Outro, como delimitadora do caráter histórico do indivíduo, autor do projeto. O projeto é a expressão do Ser em busca de sua autenticidade, transcendendo a condição de contingência e de ser-em-si, através da apropriação da livre escolha. A operacionalização do projeto referenda a autenticidade do ser-para-si num marco de relevância do “ser e fazer com” da construção do existente.

Nesta perspectiva, o campo prático assume, com seus atos e intenções, o seu desenvolvimento em circunstâncias dadas pelas ações humanas, no interior das relações históricas. Qualquer ação, por mais que se possa dizer individual, é uma ação coerente com uma relação intersubjetiva em uma determinada ordem social, consciente e intencional.

Liberdade de escolha e a escolha da liberdade

Neste último eixo temático discute-se as reflexões em torno da questão da escolha realizada pelo Ser, remetida à aceção de projeto, de intencionalidade e de consciência. Sartre (1987) explora o conceito de escolha, como fundamento do ato intencional do ser e fazer do Homem, considerando o entendimento de Ser posto num marco de realidade sócio-histórica. O autor, no entanto, descarta a perspectiva exclusivamente individual, referindo que se escolhe desde a convivência com os outros, desde a liberdade de projetar-se e existir. Nos seus pressupostos existencialistas, o indivíduo é um projetar-se no mundo, pois “(...) o homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz com que o homem exista (...)” (p. 21). Novamente, encontra-se aqui a relação Eu-Outro marcando o compromisso da escolha. Neste ponto, a análise da condição humana aparece permeada pela busca da transcendentalidade da consciência, que só pode ocorrer desde o para-si como ser-para-outro (Sartre, 1943).

A consciência da escolha de si mesmo é a relação concreta com a existência, com o projeto de si mesmo em sua totalidade e com o significado do existente. Com isto, pode-se dizer que, a escolha implica uma determinada interpretação do mundo e de si mesmo, uma interpretação marcada pela intencionalidade consciente do ser e fazer dos sujeitos.

Sartre (1987, p. 7) anuncia a articulação entre escolha e a responsabilidade com a existência histórica de si mesmo e a do outro, através da afirmação “(...) escolhendo-me, escolho o homem”. Para o autor, o inventar a si mesmo é um ato que arrasta consigo a invenção e a fundação do Homem que se quer ser, desvelando a imagem da humanidade. Em outras palavras, o existente informa minha existência e minha escolha, ou ainda, há a responsabilidade com o desciframento dos significados.

É no âmbito desta reflexão que emerge o conceito sartreano de engajamento, visto no processo da liberdade materializada na escolha, comprometendo os homens no momento em que a decisão individual normatiza a interpretação da decisão coletiva. A relevância do engajamento revela-se quando Sartre (ibid., p. 13) afirma que “(...) a realidade não existe a não ser na ação (...)” e que “(...) só o ato permite ao Homem viver” (p. 15). No entanto, o engajamento singular implica “(...) a responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha” (p. 8), já que a decisão indica a direção do que se escolhe e esta ação define o indivíduo.

No eixo temático anterior, viu-se que, o exercício da liberdade é visualizado na escolha consciente e intencional, e esta realizada pelo sujeito na operacionalização do projeto de sua existência. E, como vemos acima, a reflexão sobre o engajamento adquire a perspectiva de compromisso visto desde o lugar da liberdade do Ser. Na revisão filosófica do conceito de liberdade, Sartre agrega a proposição de engajamento e compromisso porque o significado de ser livre é projetar-se um fim e comprometer-se com ele.

Na autocrítica ao seu apolitismo, Sartre (1987) conduz seus escritos para a implicação da escolha como exercício da liberdade comprometida temporal, histórica e socialmente. Por isso, sua compreensão é de uma liberdade construída no âmago do exercício sócio-histórico, marcada pela intencionalidade de suas escolhas. Este entendimento é resgatado na noção de projeto, ou seja, da liberdade para o fazer (Gómez-Müller, 2001), justificando, assim, as raízes do estar-no-mundo pela ação e pelo sentido comprometido da vida humana, engajada em suas possibilidades de autenticidade.

Até aqui, registrou-se a dimensão temporal dada na historicidade do Ser. O passado aparece como elemento fático e o projeto é uma imersão no ainda não existente. Presente e passado são indispensáveis na escolha do futuro e apresentam a mesma implicação entre passado e futuro e entre o dado e a escolha.

O passado é um fato puro, não modificável, que exerce uma função restritiva sobre a liberdade, porém seu sentido depende do meu futuro. Ao incorporar o passado ao projeto, este se converte em situação. São estas as referências manifestadas nas análises do passado, presente e futuro e sua estruturação no definir a vida humana pelos seus atos e fatos (Sartre, 1943).

Na proposição filosófica sartreana, o processo da escolha interliga-se com a espacialidade. A espacialidade aponta ao lugar de deriva da relação existencial com o existente. O lugar se provê de um sentido pela sua relação com um Ser ainda não existente que se deseja alcançar. É a partir do meu projeto que se confere uma significação ao lugar, pois é o fim que define o lugar.

Na elaboração dos pressupostos de espacialidade, do Ser como estar-no-mundo, Sartre (1943) desenvolve o conceito de situação vinculado ao de existência. Assim, a situação existe para aquele Ser que goza da capacidade de projetar-se a suas possibilidades. Do contrário, o desaparecimento da perspectiva das possibilidades significa a perda do homem como sujeito e como sentido da experiência de realidade humana.

Submeter a questão da liberdade e do projetar das possibilidades humanas a reflexões significativas, exige tratar da concepção da temporalidade e sua convergência com a situação como marco da espacialidade. Entender a relação estabelecida entre sujeito e objeto, teoria e prática, projeto e sociedade leva pelos caminhos das dimensões temporais da existência construída e orientada no processo do Ser e do fazer Ser. O desvendar da condição humana impõe o conhecer e reconhecer-se, enquanto Eu e enquanto Outro, indispensável nos parâmetros estabelecidos pela antropologia filosófica para a humanidade.

Considerações finais

Quando Sartre situa seus estudos filosóficos sobre o pilar da relação Eu-Outro, no contexto de sua experiência na 2ª Guerra Mundial, deixa plasmados os parâmetros que lhe servem de base para a sua produção. Estes parâmetros pautados na compreensão do Homem real, histórico e político, em busca de soluções ético-existenciais, dão, à sua filosofia, princípios estruturantes da vida humana. Por sua vez, estes princípios representam o estabelecimento de um novo olhar acerca do Ser.

Não é casual que, o autor revisa os principais conceitos filosóficos como essência, transcendência, liberdade, ética, entre outros, norteados justamente pelo fato do olhar. Assim, o olhar passa a ser a categoria de análise capaz de estabelecer os modos ontológicos da constituição do Homem: ser-em-si e ser-para-si. O ser-

em-si indica uma abordagem desde o lugar de objeto sem o processo de transcendência. Junto com isto, Sartre persegue a questão da existência na conquista da essência e, identifica a consciência como ser-para-si, ou seja, a natureza intencional do Eu em busca de ser aquilo que ainda não é. A consciência é intencional porque necessita romper com o nada que ela é e relacionar-se com o mundo onde se situa e superar a sua faticidade.

No entanto, o processo de transitar entre os modos ontológicos ocorre pelo reconhecimento do corpo, portador do olhar, e do Outro, co-partícipe de tal empreendimento e da responsabilidade no exercício da liberdade. O Eu e o Outro são possuidores de uma consciência pautada na possibilidade da existência e da liberdade de escolha no gerar um projeto. Neste aspecto, Sartre demarca suas particularidades filosóficas, enfatizando a necessidade do engajamento político que assume a concepção tanto no acontecer da vida societária, quanto no compromisso ontológico da condição humana.

O fato do olhar ser o organizador do existente coloca o sujeito no lugar de protagonista no processo relacional com as coisas, objetos e com outros sujeitos.

Esta condição de sujeito dá à condição humana o poder de estabelecer seus processos de identidade, numa perspectiva de ação posta no âmbito sócio-histórico. A apreensão da consciência de si mesmo a partir do olhar, a possibilidade de dar a identidade das coisas, dar o lugar da existência real, é uma experiência que o Homem faz no mundo. Esta condição de centralidade desde o ato do olhar, passa a ser compartilhada por outro sujeito. Neste momento, encontra-se a situação de Ser-sujeito que passa a ser o Ser-objeto, sem significar a perda definitiva da primeira condição. Mas sim, o interjogo entre os momentos de Ser-sujeito e Ser-objeto demarca a organização dos processos de identidade das coisas e dos homens.

Com estas proposições filosóficas, Sartre tratou de marcar o lugar do Ser no mundo que fugisse da situação de uma proposição idealista. Esta considera os processos de identidade como um fenômeno dado em condições exclusivamente subjetivas, ou seja, somente no mundo das idéias, atemporal e ahistórica, e sem contar com um marco de existência que é o mundo real.

É importante ver que Sartre conserva a questão da centralidade, no aspecto de que o seu partir é do próprio Ser para estabelecer a sua identidade, e a do Outro. Ora, o seu entendimento desloca-se para o Outro como aquele que também fará o mesmo processo. Assim, não se recai na situação de estabelecer um elemento primeiro, que quer ser aquele de onde tudo parte e onde os demais se encontram em uma condição de coadjuvante no protagonismo da construção do universo.

Com esta ruptura, o autor salienta a questão da liberdade de escolha oriunda da escolha de si mesmo desde a convivência com os outros. E, fundamenta que

a liberdade expressa a intencionalidade, temporal e espacial, revelada nas escolhas que informam o existente da experiência humana.

Referências

- SARTRE, J. P. (1987). *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Nova Cultural.
- _____. (1943). *El ser y la nada: ensayo de ontología fenomenológica*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1998.
- BIEMEL, W. (1985). *Sartre*. Barcelona: Salvat Editores.
- PFEIFFER, M. L. (2002). Intención e intencionalidad: aportes para aclarar un equívoco. *Revista Éndoxa*. (16), p. 255-70.
- GÓMEZ-Müller, A. (2001). Ética y humanidad en el Diario de Guerra de Sartre: acerca de la “vida que merece ser vivida”. *Revista Universitas Philosophica*, (37), p. 13-42.
- FERRATER Mora, J. (1994). Autenticidad, Auténtico. *Diccionario de Filosofía de Bolsillo*. Buenos Aires: Alianza Editorial, p. 70-2.
- LAFUENTE, M. I. (s./d.). *Indivíduo, sociedade e história*. Separata La Filosofía y sus márgenes. Universidad de León.
- MIGUEL, C. F. (2002). Crónica informal de algunos libros sobre mente, sujeto y temas afines. *Azafea – Revista de Filosofía*. 4, p. 197-209.

Resumo

The nature of the look as a fact that transports a person to the dimension of the establishment of the Self-Other relationship is one of Sartre's philosophical pillars. From this point, the task of Sartre and other scholars of his works is reconstituted from the perspective of showing the indispensable factors in the process of the human existence. His anthropological-philosophical essays re-signify the existentialist dramas, joining the works that examined the problems of his day. These problems arose for the most part due to the crucial interrogation of the relationship between the Self and the Other. Therefore, this deals with approaching the existence of a Being constituted and identified in the collective conduct with others in a world built with objects and actions and marked in the social-historical reality by the conscience. It is the conscience being that makes Man surpass his limits in the midst of the constitution of his temporality and his identity as a social Being.

Key words: Existence, intentionality, liberty